

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

TALITA DUARTE DA MOTA EMERICH

**UM ESTUDO SOBRE A INFLAÇÃO DIAGNÓSTICA NA  
CONTEMPORANEIDADE**

VITÓRIA

2024

TALITA DUARTE DA MOTA EMERICH

**UM ESTUDO SOBRE A INFLAÇÃO DIAGNÓSTICA NA  
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Teresinha Cid  
Constantinidis.

VITÓRIA

2024

*“Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes”*

I Coríntios 1:27

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter me sustentado, me capacitado e me abençoado muito além do que eu poderia pedir ou pensar, não apenas em minha jornada acadêmica, mas em toda a minha vida.

Aos meus pais, Helena e Wilson, minha eterna gratidão, por terem investido tudo o que podiam em minha educação. Por todo o cuidado e proteção, ao longo da vida, pela paciência com o meu tempo e inclinação ao estudo. Por me darem sempre o melhor, a despeito das circunstâncias. Se concluí esta jornada acadêmica, devo a vocês. Por essas e tantas outras coisas, muito obrigada!

Agradeço ao meu marido Érick, por sua paciência, compreensão e apoio emocional, que foram fundamentais durante todo o processo. Nos momentos de cansaço, você era o abraço que me acolhia. Quando faltavam forças, você era o incentivo incansável. Obrigada por fazer o possível para que eu conseguisse me dedicar à conclusão deste trabalho e deste curso. Obrigada por acreditar em mim e estar ao meu lado em cada passo desta caminhada.

À minha orientadora, Dra. Teresinha Constantinidis, meu sincero agradecimento. Sua imensa compreensão e paciência, durante todo o processo de elaboração deste trabalho, permitiram que o caminho não fosse pesado. Agradeço pela confiança depositada em mim, pela orientação precisa, por todos os ensinamentos compartilhados até o último momento. Sou grata por toda a sua dedicação e auxílio, que foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus irmãos, Julia e Daniel, pela parceria na vida, pelas palavras de incentivo, pela torcida e por toda contribuição nesse caminho.

## **RESUMO**

O estudo investiga a medicalização da vida e a inflação diagnóstica na saúde mental contemporânea. O objetivo é analisar a produção científica nacional que questiona o diagnóstico em saúde mental hoje, contribuindo para uma análise crítica das interfaces entre diagnóstico psiquiátrico e medicalização. Foi realizada uma Revisão Integrativa, selecionando estudos de diversas abordagens. As etapas incluíram formulação de perguntas norteadoras, busca na literatura, coleta de dados, análise crítica e discussão dos resultados. Foram considerados artigos publicados no Brasil nos últimos cinco anos. Os resultados mostram uma mudança no paradigma psiquiátrico do século XX, influenciado pelas neurociências, interesses comerciais, neoliberalismo e mecanismos de biopolítica e biopoder. Isso resultou em um DSM que não apresenta base científica sólida, mas é usado com dogmatismo. Os autores criticam a abordagem do DSM por reduzir a complexidade da experiência humana a categorias padronizadas, ignorando a subjetividade e descontextualizando os indivíduos, além de transformar desvios mínimos em diagnósticos. Esse processo de patologização das identidades cria “subAlteridades”. O estudo destaca a importância de questionar as práticas de medicalização, a influência da biopolítica no controle social e convida a refletir sobre as racionalidades que moldam os diagnósticos e suas implicações nas relações sociais. Conclui-se que a medicalização e a inflação diagnóstica são fenômenos complexos que requerem uma postura crítica. É fundamental uma abordagem que considere o contexto social e cultural das experiências humanas, evitando a transformação de problemas cotidianos em diagnósticos médicos.

**Palavras-chave:** diagnóstico psiquiátrico; medicalização; patologização.

**ABSTRACT**

The study investigates the medicalization of life and diagnostic inflation in contemporary mental health. The objective is to analyze the national scientific production that questions mental health diagnosis today, contributing to a critical analysis of the interfaces between psychiatric diagnosis and medicalization. An Integrative Review was conducted, selecting studies from various approaches. The stages included the formulation of guiding questions, literature search, data collection, critical analysis, and discussion of results. Articles published in Brazil in the last five years were considered. The results show a paradigm shift in 20th-century psychiatry, influenced by neuroscience, commercial interests, neoliberalism, and mechanisms of biopolitics and biopower. This context resulted in a DSM that lacks a solid scientific basis but is used dogmatically. The authors criticize the DSM approach for reducing the complexity of human experience to standardized categories, ignoring subjectivity, and decontextualizing individuals, while also transforming minor deviations into diagnoses. This process of pathologizing identities creates “subAlterities.” The study highlights the importance of questioning medicalization practices and the influence of biopolitics on social control, inviting reflection on the rationalities that shape diagnoses and their implications for social relations. It concludes that medicalization and diagnostic inflation are complex phenomena that require a critical stance. An approach that considers the social and cultural context of human experiences is fundamental, avoiding the transformation of everyday problems into medical diagnoses.

**Keywords:** medicalization; pathologization; psychiatric diagnosis.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	7
<b>2 MÉTODO</b>	9
<b>3 RESULTADOS</b>	11
<b>4 DISCUSSÃO</b>	16
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	20
<b>REFERÊNCIAS</b>	22

## **1 INTRODUÇÃO**

A saúde mental tem se tornado um tema cada vez mais prevalente no debate público contemporâneo. O advento da pandemia de Covid-19, que levou ao isolamento social em escala global e ao *lockdown* em diversas regiões, intensificou esse debate ainda mais. O contexto

pandêmico, em si, desencadeou a eclosão de uma crise de saúde mental, especialmente em grupos populacionais mais vulneráveis, segundo um levantamento da OPAS (OPAS, 2021). Com mais pessoas convivendo diariamente com demandas da ordem da saúde mental, esse tema vem à tona, e provoca, naturalmente, um efeito no imaginário das pessoas e na maneira como encaramos o adoecimento psíquico e a normalidade.

Quem nunca abriu uma rede social e se deparou com um profissional de saúde listando “5 sinais de autismo em adultos”, ou dizendo coisas como “você não é preguiçoso, você está deprimido” ou “você não é distraído, mas tem TDAH”? Somado a isso, nos últimos anos, temos nos deparado com um aumento considerável de pessoas com diagnósticos psiquiátricos (WINKLER et al, 2020).

Se refletirmos sobre o cotidiano, nos dias atuais - pré e pós-pandêmicos -, perceberemos que a sociedade tem exigido muito de seus indivíduos. Vivemos na expectativa de mantermos sempre uma alta performance e a adequação a tudo aquilo que é esperado de nós, nos diversos âmbitos da nossa vida. Na tentativa de atender a todas estas expectativas, nos submetemos a cargas horárias de trabalho cada vez maiores, que colidem com demandas domésticas, pessoais e sociais. No novo paradigma que se desenha nas últimas décadas, segundo autores como Birman (1999), Lipovetsky e Serroy (2015), não basta apenas “ser” ou “ter”, é necessário principalmente “parecer”. Naquilo que tem sido intitulado “*neonarcisismo*” ou “narcisismo paradoxal”, o senso de valor do indivíduo passa pela relação com os outros, se reafirma por meio do olhar dos outros (LIPOVETSKY, SERROY, 2015). Para isso, é necessário “performar” para obter esse reconhecimento e aprovação; precisamos mostrar que estamos conseguindo atingir ou superar as expectativas.

Consideremos, então, o elevado número de pessoas com demandas da ordem da saúde mental nos últimos anos. Viver sob a máscara de uma *persona* perfeita, operando com alto rendimento o tempo todo, é, no mínimo, cansativo. Na dinâmica de uma sociedade com níveis de exigência tão altos, não há tempo de “descansar na loucura”, nem na saúde (ROSA, 2006). Não há espaço para o acolhimento, nem de si, nem do outro. O ritmo da vida, a (pouca) profundidade das relações e a velocidade acelerada da comunicação, não permitem a trégua temporal que acomodaria o espaço de diálogo capaz de produzir o descanso necessário à sensação de saúde (OLIVEIRA et al., 2020), restando o chamado “mal-estar contemporâneo” (BIRMAN, 2006).

Nesse contexto, é interessante lembrar que nós vivemos em um tempo que não acolhe desvios (OMOTE, 2004). A sociedade contemporânea vive em busca da perfeição e do prazer,



enquanto nega a natureza dual da vida. Ao supervalorizar o belo, o perfeito, o prazer e a alegria constantes, a sociedade rechaça a temporalidade, a finitude, a desordem, os fracassos e tudo aquilo que foge à "regra" (OMOTE, 2004). Dessa forma, ignora que esses aspectos da vida são sempre o duplo um do outro, duas faces de uma mesma moeda. Queremos corresponder às expectativas e padrões. O desvio é indesejado e quando encontrado, ele provoca um desconforto em quem o manifesta e em quem o contempla. Por esse motivo, o ideal da sociedade é a incólume alta performance e a adequação às expectativas.

O organismo humano tem sido visto como uma máquina, esvaziado de seus atravessamentos, das nuances da vida humana, de forma que desvios, baixas e erros não são mais aceitos como normais. O sofrimento psíquico passa, então, a ser categorizado e classificado de maneira cada vez mais criteriosa, ao passo que aspectos naturais da vida e da existência humana se transformam em categorias diagnósticas (MARTINHAGO, CAPONI, 2019).

Segundo Souza Filho e Lima (2022), a nossa principal referência em nosologia das doenças mentais, o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, editado pela APA, Associação Americana de Psiquiatria) reflete uma tendência da sociedade contemporânea em suprimir a subjetividade do sujeito, à medida que estigmatiza identidades consideradas desviantes, anormais ou fora dos padrões sociais estabelecidos. Allen Frances, psiquiatra americano que foi chefe da força-tarefa que elaborou o DSM-IV, já apontou em seu livro *Saving Normal*, publicado em 2013, que o DSM tem contribuído para a inflação diagnóstica e para a medicalização da vida.

“Medicalização da vida” é um conceito que se refere à ampliação do domínio da medicina sobre diferentes esferas da existência humana, transformando questões sociais, comportamentais, emocionais, entre outras em problemas médicos ou de saúde respondidos por soluções médicas ou farmacológicas (ROCHA et al., 2019). É um fenômeno complexo que tem sido objeto de debate em várias áreas, incluindo medicina, psicologia, sociologia e ciências sociais.

Diante disso, poderíamos dizer que a exacerbação do número de pessoas com diagnósticos psiquiátricos estaria a serviço de sustentar em categorias médicas os “desvios” e “falhas” de pessoas que não atendem às expectativas e, muitas vezes, são sucumbidas pelas pressões sociais de alta performance ou da suposta normalidade?

Parte-se da premissa que a discussão sobre a questão apresentada se faz importante, pois o excesso de diagnóstico em saúde mental e a medicalização da vida impactam diretamente o

cotidiano da população. Neste sentido, parte-se da ideia inicial de que essa tendência pode ter implicações significativas na compreensão e no tratamento dos transtornos mentais, na relação entre os profissionais de saúde e as pessoas em sofrimento psíquico, assim como na forma como a sociedade compreende, estigmatiza e lida com questões relacionadas à saúde mental.

Em face do exposto, este estudo tem como objetivo analisar a produção científica nacional que versa sobre o questionamento de diagnóstico em saúde mental na contemporaneidade, visando trazer elementos que contribuam para a análise crítica das interfaces entre o diagnóstico psiquiátrico na contemporaneidade e a medicalização da vida.

## 2 MÉTODO

Para alcançar os objetivos deste estudo a Revisão Integrativa mostrou-se o método mais adequado. Este é o tipo de revisão da literatura mais amplo e se destina a lidar com questões de pesquisa abrangentes, uma vez que possibilita a seleção de pesquisas de diferentes métodos (teóricos e experimentais, qualitativos e quantitativos), para a partir delas integrar, analisar e sintetizar os resultados já disponíveis na literatura, de modo que seja gerado um panorama consistente e compreensível de conceitos complexos (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010). A partir daí são tecidas reflexões e conclusões, podem ser identificadas lacunas no conhecimento disponível e propostos novos estudos. Executamos a revisão por meio das seguintes etapas: 1. Elaboração das perguntas norteadoras; 2. Busca ou amostragem da literatura; 3. Coleta de dados; 4. Análise crítica do conteúdo incluído; e 5. Discussão dos resultados.

Para elucidar os pontos levantados na introdução deste trabalho, foram consideradas as seguintes questões norteadoras:

- O que se publicou recentemente sobre o fenômeno da psicopatologização da vida?
- Quais foram os elementos que contribuíram para a inflação diagnóstica, segundo a literatura acadêmica?
- A partir dos dados levantados, como podemos analisar este fenômeno?

As buscas foram feitas no Google Acadêmico (Google Scholar), plataforma de busca da literatura acadêmica, que categoriza e disponibiliza uma ampla variedade de publicações e tem se mostrado mais eficaz em resgatar artigos científicos (PUCCINI, et al., 2015). A escolha

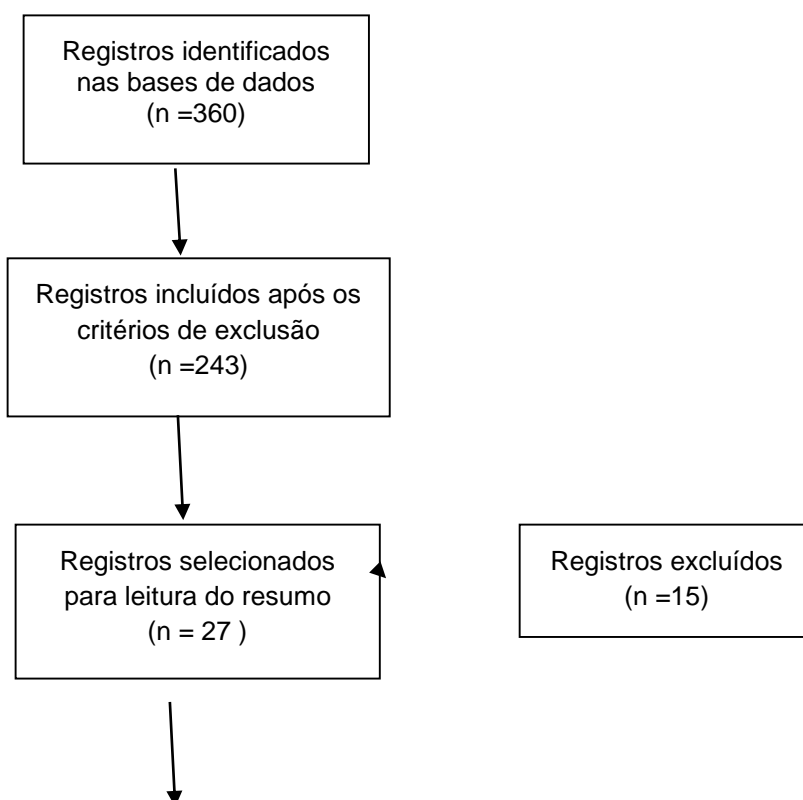
foi feita devido à natureza da pesquisa proposta, e foram utilizadas as seguintes palavras-chave: diagnóstico psiquiátrico, medicalização, patologização.

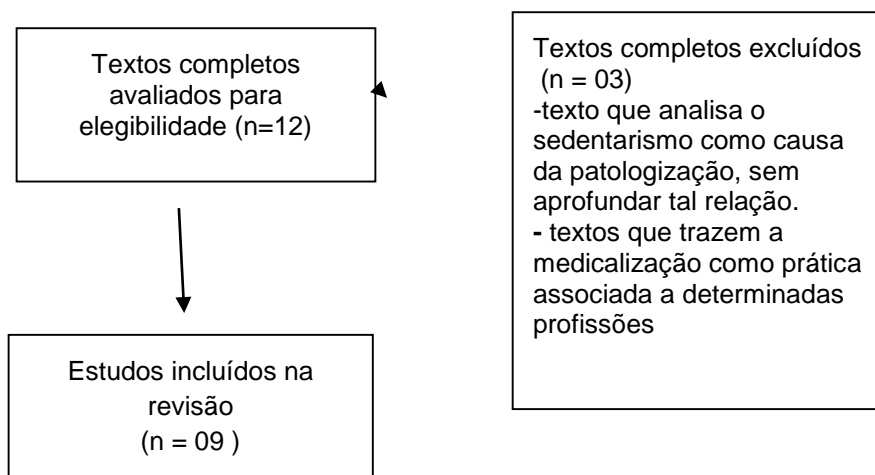
Quanto aos critérios de seleção, foram considerados artigos que fossem produção nacional, publicados nos últimos cinco anos - considerando a atualidade dos estudos -, na língua portuguesa e com acesso aberto. Foram excluídos estudos que não abordam o tema, que tratam de diagnósticos específicos e artigos sobre educação, bem como dissertações, teses, TCC e capítulos de livros.

A busca resultou em 360 trabalhos, sendo 17 excluídos a partir dos critérios previamente estabelecidos, resultando em 243, dos quais foram selecionados 27, após a leitura dos títulos, 12 após a leitura do resumo e 9 após a leitura dos textos na íntegra. Foram elaboradas sínteses dos textos selecionados e, a partir disso, realizada uma análise que culminou na redação deste artigo.

A seguir é apresentado o fluxograma Prisma (MOHER et al., 2009) que ilustra o processo de busca, com detalhamento das diferentes etapas para seleção dos artigos que compõem a amostra final (Fig. 1).

**Figura 1. Fluxograma de busca**





### 3 RESULTADOS

O Quadro 1 apresenta a síntese dos estudos levantados, destacando-se os objetivos, os desenhos dos estudos e as principais questões identificadas que auxiliam na análise crítica das interfaces entre o diagnóstico psiquiátrico na contemporaneidade e a medicalização da vida.

**Quadro 1: Referência, objetivos, desenho e principais questões identificadas dos artigos selecionados**

N.	Referência	Objetivos	Desenho	Principais questões identificadas
1	BRUST, Renata Elisa Feitosa; BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Problemas cotidianos, percepções da população e medicalização. <b>Research, Society and Development</b> , v. 11, n. 6, p. e17711628869-e17711628869, 2022	Compreender como a população percebe e vivencia esses fenômenos, investigando sua frequência, momento de aparição e relações com diversos aspectos da vida.	Pesquisa quali-quantitativa	O artigo aborda a medicalização como um fenômeno presente na sociedade, destacando a dualidade na compreensão de fenômenos cotidianos como alterações do sono, apetite, concentração e motivação, que podem ser interpretados tanto como experiências comuns quanto como sintomas médicos. A maioria dos participantes associa essas alterações a problemas da vida cotidiana, como sobrecarga de atividades, problemas econômicos e relacionais. Os autores ressaltam a necessidade de uma abordagem que vá além da visão puramente medicalizante, buscando compreender as relações entre os problemas cotidianos e os contextos sociais, econômicos e relacionais em que estão inseridos.

2	<p>COELHO, Leticia; NEVES, Tiago. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. <b>Saúde e Sociedade</b>, v. 32, p. e220850pt, 2023.</p>	<p>Discutir a dimensão política do diagnóstico das formas de sofrimento psíquico, a partir da crítica da racionalidade neoliberal.</p>	<p>Ensaio teórico</p>	<p>O artigo discute como a lógica neoliberal busca homogeneizar a vida dos sujeitos, exigindo um desempenho máximo em todas as áreas.. A ação política neoliberal que não visa à redução da desigualdade e que atua sobre os indivíduos a partir de uma lógica mercadológica, impactando negativamente a saúde mental e a forma como a sociedade lida com o sofrimento psíquico. Destacam a importância de considerar a dimensão política no diagnóstico e tratamento do sofrimento psíquico, evidenciando como a racionalidade neoliberal influencia a saúde mental e a forma como as questões psicológicas são abordadas na sociedade.</p>
3	<p>CUNHA, Maicon. A banalidade do mal psicofarmacológico em tempos de performance. <b>Psicologia USP</b>, v. 32, 2021.</p>	<p>Identificar fenômeno da medicalização da vida</p>	<p>Método genealógico</p>	<p>O artigo apresenta uma análise crítica e reflexiva sobre a influência da indústria farmacêutica, a banalização do mal psicofarmacológico e a complexidade da psicofarmacologização da vida cotidiana, destacando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e sociológica para compreender esse fenômeno na sociedade atual.</p>
4	<p>LE MOS, Flávia Cristina Silveira et al. Práticas de medicalização: problematizações conceituais a partir de Michel Foucault. <b>Revista Psicologia, Diversidade e Saúde</b>, v. 9, n. 2, p. 232-244, 2020.</p>	<p>Problematizar as práticas de medicalização, descrevendo e analisando alguns modos de interrogar este objeto a partir da visão de Michel Foucault</p>	<p>Ensaio teórico</p>	<p>Utilizando referencial teórico de Foucault, o artigo explora conceitos como biopolítica, bioeconomia, biovalor, biotecnologias, farmacologização, patologização e biosociabilidade para compreender as dinâmicas da medicalização. É discutida a relevância da medicalização dos corpos na modernidade, relacionando-a às promessas de felicidade e cura advindas da ciência moderna e suas tecnologias, bem como ao conceito de biopoder de Foucault. O artigo considera a medicalização sob diferentes perspectivas, como a soberania jurídica, o poder disciplinar e a</p>

				biopolítica, destacando a influência desses mecanismos no controle social e na regulação dos corpos. Os autores buscam estimular uma postura de questionamento e problematização em relação à medicalização, convidando os leitores a considerar as diferentes racionalidades por trás dessas práticas e a refletir sobre como elas moldam e influenciam a vida cotidiana e as relações sociais.
5	MARTINHAGO, Fernanda; CAPONI, Sandra. Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais. <b>Physis: Revista de Saúde Coletiva</b> , v. 29, p. e290213, 2019.	Discutir as controvérsias em torno do DSM e o diagnóstico de transtornos mentais.	Ensaio teórico	O DSM ocupa um papel central no modelo biomédico, favorecendo o campo da medicina, planos de saúde, indústria farmacêutica e outros espaços. É ressaltado como as taxonomias desenvolvidas pelas neurociências para identificar e classificar os transtornos psicopatológicos, , levam à inflação diagnóstica, que se refere ao aumento na identificação e classificação de transtornos mentais, muitas vezes resultando em diagnósticos excessivos e questionáveis. Isso pode levar a um uso indiscriminado de drogas psiquiátricas, como antidepressivos, antipsicóticos e ansiolíticos, para tratar uma ampla gama de sintomas e comportamentos, mesmo em casos em que o benefício do tratamento medicamentoso é questionável. Outra questão levantada pelo texto é a possível influência dos interesses comerciais, especialmente das indústrias farmacêuticas, seguradoras de saúde e classe médica, na prevalência e aceitação do DSM como o principal guia diagnóstico em saúde mental. Essa hegemonia pode ser impulsionada por incentivos financeiros, como a venda de medicamentos psiquiátricos, a padronização dos diagnósticos para facilitar o reembolso de seguros de saúde e a promoção de determinadas

				práticas clínicas que beneficiam esses setores.
6	OLIVEIRA, C., A.; AMARAL, A. J. O poder (neuro) psiquiátrico: a psicopatologização do cotidiano na era do cérebro. <b>Psicologia &amp; Sociedade</b> , v. 35, p. 1-14, 2023.	Analisar o papel das neurociências no contexto abordado, a psiquiatria biológica e a concepção do DSM-V como um dispositivo de controle biopolítico.	Revisão bibliográfica	Destaca-se a transição da psiquiatria para uma abordagem biologicista, que enfatiza o substrato cerebral e a superficialidade descritiva. Explora-se a aliança entre psiquiatria e as neurociências, evidenciando como essa relação contribui para a ampliação do diagnóstico psiquiátrico. Analisa-se como a explicação cerebralista fortalece o poder psiquiátrico e intensifica a psicopatologização do cotidiano. Destaca-se a reconfiguração do mecanismo de governo psiquiátrico a partir do advento das neurociências, inaugurando uma era "cerebralista" nas relações de poder. Conclui-se que o saber-poder médico-psiquiátrico contribui para a amplificação da patologização generalista do sofrimento psíquico, criando um novo modelo de controle social baseado na neuropsiquiatria
7	RIBEIRO, Alexandre Simões et al. Psicopatologia na contemporaneidade: análise comparativa entre o DSM-IV e o DSM-V. <b>Fractal: Revista de Psicologia</b> , v. 32, p. 46-56, 2020.	Efetuar análise comparativa entre as categorias diagnósticas de alguns quadros clínicos entre o DSM-IV e o DSM-V.	Pesquisa bibliográfica	Os resultados referentes à comparação das classes e categorias diagnósticas apontam significativos acréscimos nos eixos analisados, o que abre margem para se debater as consequências da patologização e medicalização de condições próprias do ser humano, como a TPM, a tristeza, os comportamentos enérgicos das crianças, por exemplo. Os profissionais de saúde mental enfrentam desafios decorrentes dessas transformações, como a pressão por intervenções rápidas, a prevalência do uso de psicofármacos e a necessidade de repensar suas práticas clínicas diante de um cenário marcado pela medicalização.
8	ROSSI, Helena Costa; AKIMOTO, Cláudio	Investigar o processo de transformação e	Pesquisa bibliográfica	O artigo destaca o neoliberalismo como uma nova

	<p>Kazuo. Neoliberalismo e sujeito: construção da identidade, ressignificação do sofrimento e exclusão da diferença. <b>Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo</b>, v. 113, p. 761-774, 2018.</p>	<p>instituição do sujeito neoliberal é estabelecido e condicionado sob parâmetros de desempenho, levando à ressignificação do sofrimento e à exclusão da diferença</p>		<p>racionalidade que influencia a construção da identidade e a ressignificação do sofrimento. Explora a constituição do sujeito neoliberal de acordo com parâmetros de desempenho, sujeitando-se a diagnósticos psiquiátrico-psicológicos que ressignificam seu sofrimento. Aponta como a racionalidade neoliberal determina espaços de exclusão em relação ao diferente, levando a uma reflexão crítica sobre esses processos.</p>
9	<p>SOUZA FILHO, José Alves; LIMA, Aluísio Ferreira. Crítica da Patologização das Identidades/Alteridades no Mundo da Vida. <b>Id on Line. Revista de Psicologia</b>, v. 16, n. 61, 2022.</p>	<p>Evidenciar os problemas e limites dos diagnósticos e tratamentos do sofrimento psíquico, destacando a importância de questionar as políticas de patologização da vida na sociedade contemporânea</p>	<p>Análise crítica</p>	<p>O artigo aborda a necessidade de questionar as práticas e valores que promovem a patologização das vidas, bem como as políticas sistemáticas do capitalismo contemporâneo que contribuem para essa dinâmica. É incentivada a reflexão crítica sobre as formas de reconhecimento, inclusão e emancipação das identidades e alteridades no contexto atual, visando promover uma maior consciência sobre as normas reguladoras das relações interpessoais e a importância de repensar os diagnósticos e tratamentos da doença mental. As conclusões do artigo apontam para a necessidade de questionar as políticas de patologização da vida e promover uma reflexão crítica sobre as formas de reconhecimento, inclusão e emancipação das identidades e alteridades no mundo contemporâneo. A análise proposta visa estimular uma visão mais ampla e reflexiva sobre as práticas sociais que influenciam a construção das subjetividades e a manutenção do adoecimento como parte integrante da dinâmica social.</p>



## 4 DISCUSSÃO

Dentre os resultados obtidos pela presente pesquisa, alguns pontos são transversais a todas as análises sobre a questão da medicalização da vida e sobre a inflação diagnóstica em psiquiatria, na contemporaneidade. Se observarmos a macroestrutura descrita pelos artigos selecionados, veremos que houve uma construção paulatina da visão medicalizante que predomina atualmente, e que tal visão se erigiu sustentada por alguns pilares, a saber: uma substituição da visão psicanalítica pela ótica das neurociências, a consolidação e expansão da indústria farmacêutica, mecanismos de biopoder e biopolítica e a disseminação da mentalidade neoliberal. Estes elementos se interconectaram numa complexa relação que mudou a forma como a sociedade encara o sofrimento psíquico, os transtornos mentais e os desvios.

Oliveira e Amaral (2023), no artigo 6, descrevem que, no início do século XX, o prefixo "psy" era frequentemente utilizado em diversos campos de investigação do comportamento humano. No entanto, segundo Birman (1999), na segunda metade do referido século, foi observada uma mudança de paradigma. A psiquiatria se encontrava em uma posição incômoda, na medicina, pela dificuldade em se fundamentar nos saberes advindos da racionalidade médica. Nesse período, o discurso psicopatológico era pautado pela visão psicanalítica e quando se buscavam causas anátomo-clínicas, se encontravam causas "morais". O tratamento moral era, portanto, a base da terapêutica psiquiátrica. Dos anos 1950 em diante a psicofarmacologia se desenvolveu progressivamente, mas a psiquiatria evitou "beber dessa fonte" até os anos 1970, enquanto permanecia fundada no discurso psicanalítico. A psicofarmacologia, ao entrar em cena, trouxe de volta essa aproximação com a medicina canônica, e a partir do avanço das neurociências a psiquiatria finalmente se eximiu do pregresso deslocamento, legitimando sua identidade médica (BIRMAN, 1999).

Além disso, o constante avanço das ciências, propiciou a emergência de uma visão mais materialista, onde o prefixo "neuro" passou a ser mais bem aceito, inclusive pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (OLIVEIRA; AMARAL, 2023). Assim, a psicopatologia atual se constituiu sobre uma pretensão em ter um fundamento biológico. Dessa forma, à medida que o saber psiquiátrico se constrói, o campo se entrelaça cada vez mais com as neurociências. Oliveira e Amaral (2023) ressaltam como a aliança entre a neurociência e a psiquiatria contribuiu para a disseminação do diagnóstico psiquiátrico enquanto *instituição* - tomada aqui, na acepção de Gilles Deleuze -, e a consequente psicopatologização do cotidiano. Vale ressaltar que uma instituição, para Deleuze, é um conjunto dinâmico e funcional de práticas e relações sociais que emergem para organizar e responder a necessidades concretas da sociedade. Elas

não são estruturas fixas, mas processos em constante transformação, moldando e canalizando os instintos humanos, contribuindo para a formação de subjetividades e a organização da vida social, tanto influenciando quanto sendo influenciadas pelos fluxos de desejo e poder dentro do contexto social e histórico em que se encontram (DELEUZE, 2006).

Nesse sentido, o DSM vem fortalecendo a instituição do diagnóstico psiquiátrico. A primeira edição do DSM, publicada em 1952, contava com 106 categorias de “doença mental”. Sua segunda edição, em 1968, contava com 182. Em 1980, o DSM-III surge com 265, na edição que marca a mudança de paradigma da psiquiatria (RIBEIRO et al., 2020). O DSM-IV, lançado em 1994, conta com 297 categorias, e a sua última versão, o DSM-V, lançado em 2013, dispunha de 450 possíveis diagnósticos (OLIVEIRA; AMARAL, 2023) e atualmente (2024), na versão revisada em 2022, conta com 541 diagnósticos. A ênfase em explicações biologicistas, pôde fortalecer o poder psiquiátrico e intensificar a patologização generalista do sofrimento psíquico. No entanto, conforme explicam Martinhago e Caponi (2019), no artigo 5, o DSM abandonou o uso do termo “doença mental” para descrever os "transtornos mentais", uma vez que o termo "doença" implica uma condição com uma etiologia conhecida, sintomas específicos, curso previsível, prognóstico e resposta ao tratamento estabelecidos, e muitos dos quadros clínicos abordados no DSM não possuem uma etiologia clara ou processos patológicos subjacentes bem definidos. Dessa forma, segundo os autores, o DSM se apresenta como um "dicionário descritivo".

A ausência de evidências que sustentem a relação de causalidade entre os acometimentos neurais e o sofrimento psíquico já era discutida, no campo da psiquiatria, mas ficou evidente quando em 2022 a revista *Molecular Psychiatry* publicou o artigo intitulado “*The serotonin theory of depression: a systematic umbrella review of the evidence*” com a revisão das evidências disponíveis que derrubava a hipótese da serotonina enquanto causadora da depressão e que, portanto, a crença de que este acometimento psíquico teria uma causa bioquímica, ironicamente, não é baseada em evidências (MONCRIEFF et al., 2022). Ou seja, a hipótese que sustentou a psicopatologia no paradigma atual, de que ela seria alicerçada na ciência, não se sustenta, seja pela proposta do seu principal baluarte (o DSM - que se propõe a ser um manual descritivo) ou pela própria falta de evidências. Oliveira e Amaral (2023) ainda citam um trecho do DSM-V que descreve o transtorno de personalidade narcisista e pontua a ausência de qualquer argumento científico que sustente uma validade biológica para esse transtorno. Eles traçam um interessante paralelo entre o uso do DSM e “a atividade classificatória e estigmatizante utilizada pela inquisição, com o auxílio do *Malleus*”. O *Malleus*

*Maleficarum*, foi um manual escrito em 1484 e utilizado durante a inquisição, a pedido do Papa Inocêncio VIII, que tinha por objetivo ensinar a reconhecer e neutralizar a bruxaria e se tornou o manual dos inquisidores do século XV em diante (RODRIGUES, 2012).

A patologização das vidas, conforme discutida nos artigos 2, 5 e 8 (COELHO, NEVES, 2023; MARTINHAGO, CAPONI, 2019; ROSSI, AKIMOTO, 2018), se refere à forma como o sofrimento psíquico foi transformado em diagnósticos padronizados, por meio de uma abordagem reducionista que parece desconsiderar aspectos psicossociais, emocionais e ambientais, que também influenciam a saúde mental, além da multiplicidade das experiências humanas, suprimindo o devir.

Nesta mesma direção, Brust et al (2022), artigo 1, ressaltam a necessidade de compreensão do sofrimento cotidiano que se manifesta por meio de sintomas com a abordagem que vá além da visão puramente medicalizante. As autoras destacam a importância de compreender as relações entre os problemas cotidianos das pessoas e os contextos sociais, econômicos e relacionais em que estão inseridos.

Ainda no artigo 5, Martinhago e Caponi (2019) trazem uma análise sobre o uso do DSM, que elucida como as novas categorias taxonômicas, desenvolvidas a partir da aproximação das neurociências, levam à inflação diagnóstica, que se refere ao aumento na identificação e classificação de transtornos mentais, frequentemente excessivos e controversos. Isso pode levar a um uso indiscriminado de drogas psiquiátricas, como antidepressivos, antipsicóticos e ansiolíticos, para tratar uma ampla gama de sintomas e comportamentos, mesmo em casos em que o benefício do tratamento medicamentoso é questionável. Outra questão levantada pelo artigo é a possível influência dos interesses comerciais, especialmente das indústrias farmacêuticas, seguradoras de saúde e classe médica, na prevalência e aceitação do DSM como o principal guia diagnóstico em saúde mental. Essa hegemonia pode ser impulsionada por incentivos financeiros, como a venda de medicamentos psiquiátricos, a padronização dos diagnósticos para facilitar o reembolso de seguros de saúde e a promoção de determinadas práticas clínicas que beneficiam esses setores (MARTINHAGO, CAPONI, 2019).

A influência da indústria farmacêutica, também é abordada nos artigos 3 e 5 (CUNHA, 2021; LEMOS et al., 2020) que destacam como a indústria procura novos instrumentos bioquímicos para o incremento da performance e potências individuais. A psicofarmacologização da vida assumiu um papel central, no campo da psicopatologia, quando passou a não pretender mais a cura, mas a regulação do mal-estar (BIRMAN, 1999). A profusão desse fenômeno levanta

questões éticas e sociais sobre a intervenção medicamentosa em emoções naturais, em questões psicossociais e ainda sobre a falta de reflexão sobre as possíveis consequências dessa lógica, conforme destaca Cunha (2021).

A questão do biopoder, discutida no artigo 5 (OLIVEIRA; AMARAL, 2023) revela como o saber-poder médico-psiquiátrico contribui para a ampliação da patologização do sofrimento psíquico, criando um modelo de controle social baseado na neuropsiquiatria. Seguindo esta discussão, o artigo 9 (SOUZA LIMA, 2022) realiza uma análise crítica sobre como o sofrimento psíquico é patologizado na sociedade contemporânea e o impacto disso para as identidades sociais. Utilizando a Psicologia Social Crítica e a Teoria Crítica da Sociedade, Souza e Lima (2022) buscam compreender as condições históricas e sociais que moldam as subjetividades individuais. O texto discute práticas e valores que perpetuam a patologização e o adoecimento como uma condição sistêmica, questionando os diagnósticos e tratamentos do sofrimento psíquico. Os autores argumentam que essas políticas minimizam identidades e mantêm o adoecimento, impedindo projetos de vida emancipatórios. Além disso, exploram a relação entre a racionalidade instrumental e a produção das "subAlteridades" nessas tecnologias de cuidado. "SubAlteridades", são trazidas no texto como formas de alteridade que são subjugadas, marginalizadas ou estigmatizadas dentro das dinâmicas sociais e culturais. A patologização cria "subAlteridades" ao estigmatizar e marginalizar identidades consideradas desviantes, anormais ou fora dos padrões sociais estabelecidos, contribuindo para a exclusão e discriminação desses grupos na sociedade (SOUZA FILHO, DE LIMA, 2022).

O artigo 5 (LEMOS et al., 2020) ainda adiciona outra camada nessa discussão quando aborda a relação entre biopolítica e biopoder no contexto da medicalização dos corpos. O artigo descreve como a psicopatologização do cotidiano e a medicalização excessiva refletem dinâmicas de poder e controle presentes na sociedade contemporânea. Os autores exploram a medicalização dos corpos na contemporaneidade como um discurso de "tecnificação da vida", baseado em um saber técnico que se torna absoluto e inquestionável, penetrando em diversas camadas da existência, desde a prescrição de hábitos até a definição do que é considerado saúde mental ou felicidade.

Lemos et al (2020) destacam que a medicalização, por meio do poder disciplinar e da biopolítica, se manifesta como um instrumento de governo que visa regular a vida, prevenir a morte e garantir a manutenção das relações de produção, o que consequentemente melhora a economia e dinamiza o mercado. No entanto, em troca, há um silenciamento das diferenças e

uma invalidação do que é peculiar e único, resultando na padronização e na diminuição das individualidades (LEMOS et al., 2020), conforme foi apontado em outros artigos, já citados. Outra chave de leitura para a questão proposta, trazida pelos artigos 2, 3 e 8 (COELHO, NEVES, 2023; CUNHA, 2021; ROSSI, AKIMOTO, 2018) é o neoliberalismo. Nos artigos os autores discorrem sobre a correlação do neoliberalismo com a medicalização da vida e do sofrimento psíquico e destacam como a lógica neoliberal, além de desconectar o indivíduo de seu contexto, busca homogeneizar a vida dos sujeitos, exigindo um desempenho máximo em todas as áreas e seguindo um modelo de vida baseado no homo economicus (COELHO, NEVES, 2023; CUNHA, 2021; ROSSI, AKIMOTO, 2018). A ação política neoliberal, pautada em uma lógica mercadológica, impacta negativamente a saúde mental e a forma como a sociedade lida com o sofrimento mental, evidenciando a necessidade de repensar as práticas de diagnóstico e tratamento nesse contexto (COELHO, NEVES, 2023; ROSSI, AKIMOTO, 2018).

Conforme foi apontado por Coelho e Neves, (2023) e Rossi, e Akimoto (2018), a relação entre o controle dos corpos, o neoliberalismo e a medicalização da vida e dos corpos reside na utilização dessas práticas de medicalização como mecanismos de poder e controle social. No contexto do neoliberalismo, o processo de transformação e instituição do sujeito neoliberal é estabelecido e condicionado sob parâmetros de desempenho, levando à ressignificação do sofrimento e à exclusão da diferença. A medicalização, assim, se torna uma ferramenta que atua tanto no nível individual quanto populacional, promovendo a regulação e disciplina dos corpos de acordo com os interesses políticos e econômicos dominantes, enquanto esvazia o sujeito de seus atravessamentos, de suas circunstâncias e conjuntura.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A concepção de loucura, adoecimento psíquico e transtornos mentais sempre variou ao longo da história. A mudança é inerente à ciência, uma vez que ideias e hipóteses podem ser demonstradas falsas — a falseabilidade é um critério de demarcação científica — conforme defende o filósofo da ciência Karl Popper. Dessa forma, podemos assumir que o fato de haver mudanças e atualizações no DSM não é o problema em si. Questiona-se, nos artigos, o crescente caráter dogmático com que as novas versões são recebidas, a arbitrariedade das definições diagnósticas — que não possuem respaldo na ciência — e a verticalização no manejo do sofrimento psíquico, o que nos coloca, coletivamente, muito próximos à postura de Simão Bacamarte, personagem do romance “O Alienista” de Machado de Assis, ou dos inquisidores

que portavam o *Malleus Maleficarum*, conforme citam os autores do texto 5 (OLIVEIRA; AMARAL, 2023). Analisando a maneira como a psiquiatria e o capital simbólico dessa classe penetram nas subjetividades e geram subalternidades, é possível ter uma dimensão da necessidade de cautela tanto na elaboração de um manual com a relevância que possui o DSM, quanto na maneira como lidamos com ele. As descrições do corpo teórico consultado para a elaboração deste artigo apontam para um campo de saber que foi atravessado por interesses políticos e comerciais, frequentemente alheios aos seus próprios, e talvez não tenha percebido isso. A existência de um manual diagnóstico não é problemática por si só. O problema está em tratá-lo com dogmatismo. Desconsiderar fatores econômicos, ambientais, psicológicos e sociais, ao lado dos biológicos, na compreensão do sofrimento psíquico é adotar uma visão parcial da realidade na tentativa de "corrigir" um problema extremamente complexo.

Ao lado disso, talvez o ponto mais difícil seja admitir a nossa ignorância e insuficiência diante das questões de saúde mental. É um golpe no nosso ego admitir que, depois de décadas de estudo, ainda não compreendemos a depressão, por exemplo. E mesmo assim, atualmente ela conta com cerca de 10 subtipos descritos no DSM-V (APA, 2013). Semelhantemente, ainda não elucidamos completamente o Transtorno do Espectro Autista, que abrange uma ampla variedade de manifestações. Nesta categoria, insiste-se em atribuir rótulos a desvios mínimos em pessoas que são totalmente funcionais. É interessante observar que, muitas vezes, as pessoas buscam e anseiam por rótulos e diagnósticos. A coerção social pela perfeição é tão forte, na contemporaneidade, que às vezes se deposita no rótulo a esperança de um alívio ao sentimento de culpa por não se enquadrar nas altíssimas expectativas sociais. Parece que assumimos o papel do Bacamarte e estamos, hoje, nesta curva ascendente de diagnósticos, de modo que em pouco tempo perderemos o contato com a normalidade. Mirando na cientificidade, esbarramos no cientificismo. Não devemos sucumbir ao negacionismo científico, mas diante dos muitos atravessamentos e das nuances envolvidas na discussão sobre a medicalização da vida e a inflação diagnóstica em psiquiatria, é crucial manter uma postura vigilante, refletir sobre nossas práticas profissionais e manter a humildade em face da complexidade da vida humana e da multifatorialidade do sofrimento psíquico. A história nos ensina que a mudança faz parte da ciência, e cabe a nós, profissionais e pesquisadores, adotar uma postura crítica, ética e contextualizada para promover abordagens mais humanizadas e eficazes no cuidado e na compreensão do sofrimento psíquico.

## REFERÊNCIAS

OPAS/OMS. Organização Pan-Americana da Saúde. **OPAS destaca crise de saúde mental pouco reconhecida causada pela COVID-19 nas Américas.** [Washington, DC] OPAS, 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/24-11-2021-opas-destaca-crise-saude-mental-pouco-reconhecida-causada-pela-covid-19-nas#:~:text=%22Os%20dados%20existentes%20sugerem%20que,a%20longo%20prazo%20E2%80%9D%2C%20previu>. Acesso em 06 jun. 2023.

WINKLER, P., FORMANEK, T., MLADA, K., KAGSTROM, A., MOHROVA, Z., MOHR, P., & CSEMY, L. (2020). Increase in prevalence of current mental disorders in the context of COVID-19: analysis of repeated nationwide cross-sectional surveys. **Epidemiology and psychiatric sciences**, 29, e173.

BIRMAN, J. (1999). A psicopatologia na pós-modernidade. As alquimias no mal-estar da atualidade. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, 2, 35-49.

LIPOVETSKY, G. & SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ROSA, JG. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Impactos psicológicos e ocupacionais das sucessivas ondas recentes de pandemias em profissionais da saúde: revisão integrativa e lições aprendidas. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 37, 2020.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

OMOTE, Sadao. Estigma no tempo da inclusão. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2004, vol.10, n.03, pp.287-308. ISSN 1413-6538

MARTINHAGO, Fernanda; CAPONI, Sandra. Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, p. e290213, 2019.

DE SOUZA FILHO, José Alves; DE LIMA, Aluísio Ferreira. Crítica da Patologização das Identidades/Alteridades no Mundo da Vida. Id on Line. **Revista de Psicologia**, v. 16, n. 61, 2022.

ROCHA, Amanda Corrêa et al. Sofro, logo me medico: a medicalização da vida como enfrentamento do mal-estar. **Ver. Multidisciplinar e de Psicologia**. [Internet], v. 13, n. 46, p. 392-404, 2019.

Souza, M. T. D., Silva, M. D. D., & Carvalho, R. D. (2010). **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein (São Paulo), 8, 102-106.

PUCCINI, Lucas Rebelo Silva et al. Comparativo entre as bases de dados PubMed, SciELO e Google Acadêmico com o foco na temática Educação Médica. **Cadernos UniFOA**, v. 10, n. 28, p. 75-82, 2015.

MOHER, David et al The PRISMA Group. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA Statement. **PLoSMed**, v. 6, n. 7, jul. 2009. Disponível em: Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097> Acesso em: set. 2023.

CUNHA, Maicon. A banalidade do mal psicofarmacológico em tempos de performance. **Psicologia USP**, v. 32, 2021.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira et al. Práticas de medicalização: problematizações conceituais a partir de Michel Foucault. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 9, n. 2, p. 232-244, 2020.

DE SOUZA FILHO, José Alves; DE LIMA, Aluísio Ferreira. Crítica da Patologização das Identidades/Alteridades no Mundo da Vida. Id on Line. **Revista de Psicologia**, v. 16, n. 61, 2022.



BRUST, Renata Elisa Feitosa; BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Problemas cotidianos, percepções da população e medicalização. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, p. e17711628869-e17711628869, 2022.

RIBEIRO, Alexandre Simões et al. Psicopatologia na contemporaneidade: análise comparativa entre o DSM-IV e o DSM-V. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, p. 46-56, 2020.

DE OLIVEIRA ANGEL, Camila; DO AMARAL, Augusto Jobim. O PODER (NEURO) PSQUIÁTRICO: A PSICOPATOLOGIZAÇÃO DO COTIDIANO NA ERA DO CÉREBRO. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, p. 1-14, 2023.

COELHO, Leticia; NEVES, Tiago. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. **Saúde e Sociedade**, v. 32, p. e220850pt, 2023.

ROSSI, Helena Costa; JÚNIOR, Cláudio Kazuo Akimoto. Neoliberalismo e sujeito: construção da identidade, ressignificação do sofrimento e exclusão da diferença. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade de São Paulo, v. 113, p. 761-774, 2018.

DELEUZE, Gilles. “Instinto e instituições” Trad. Hélio Rebello Cardoso Júnior. In: **A ilha deserta e outros textos**. Org. e rev. da edição brasileira por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

Moncrieff, J., Cooper, R.E., Stockmann, T. et al. The serotonin theory of depression: a systematic umbrella review of the evidence. **Mol Psychiatry** 28, 3243–3256 (2023). <https://doi.org/10.1038/s41380-022-01661-0>

RODRIGUES, Márcia Cristina. MALLEUS MALEFICARUM–A BRUXARIA COMO AFIRMAÇÃO DO PODER ESPIRITUAL. **Revista Brasileira de História das Religiões**, 2012.

PENHA, Patrícia Silveira. A LÓGICA DA PESQUISA CIENTÍFICA DE KARL POPPER: A FALSEABILIDADE COMO UM CRITÉRIO DE DEMARCAÇÃO CIENTÍFICA. **Revista Ideação**, v. 1, n. 46, p. 373-383, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition (DSM-V). Washington, DC: American Psychiatric Association, 2013.